



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E ENSINO DE GEOGRAFIA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MÉDIO.

Lucas Gabriel Da Silva¹; Jamilson Azevedo Soares²

¹*Discente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – lucas.g.silva@hotmail.com.br*

²*Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – jazevedosoares@hotmail.com*

Resumo: O presente trabalho pretende refletir sobre as concepções e práticas dos docentes que lecionam a disciplina de Geografia no Ensino Médio, tendo como campo de pesquisa algumas escolas públicas da cidade de Mossoró/RN. A pesquisa possui cunho qualitativo e descritivo, priorizando os escritos dos sujeitos docentes como forma de compreender os resultados. Empregou-se como procedimento metodológico a elaboração de instrumento de pesquisa do tipo questionário semiestruturado com o objetivo de revelar as concepções e práticas dos sujeitos docentes pesquisados em relação à temática avaliação da aprendizagem. É possível perceber nos sujeitos docentes pesquisados uma concepção de avaliação da aprendizagem positiva, fora dos padrões viciantes que dominam as práticas escolares; contudo, é notória em suas práticas uma avaliação engessada ao sistema de ensino, que caminha contrário as suas concepções, os forçando a repetir práticas examinativas ao invés de avaliativas.

Palavras-Chave: Avaliação da aprendizagem; Prática docente; Geografia; Ensino Médio.

1. INTRODUÇÃO

O que tem impulsionado as inúmeras discussões em torno da avaliação da aprendizagem é a busca da superação de sua prática dicotômica em relação à educação, em que muitos docentes pensam o momento avaliativo no fim do processo de julgamento de seus alunos, na verificação e medição atribuindo notas, caracterizando os bons e os ruins em sua sala de aula.

É em meio a esse contexto que devemos entender a avaliação como algo inerente ao processo de ensino aprendizagem escolar, é compreender esse componente como parte de uma ação coletiva na formação dos alunos. Percebe-se que a avaliação, apesar de seus avanços originários de pesquisas e inúmeras contribuições teóricas, ainda é compreendida dentro do processo de ensino-aprendizagem como período distinto e não relacionado à ação de educar, onde posturas autoritárias, burocráticas e somativas são evidenciadas contribuindo para o ineficaz diálogo entre a ação educativa e o processo avaliativo e, conseqüentemente, para a construção da democratização do espaço escolar. Assim, para pensar o espaço escolar democrático devemos entender também a avaliação como um instrumento político que possa servir a democratização. Sua forma, seu conteúdo, o uso que se fizer de seus resultados devem servir a este propósito. Sustentar o compromisso com a democratização do ensino é romper com a característica classificatória da avaliação e passar a vivenciar a avaliação como função



de diagnosticar e permitir o avanço e autonomia dos alunos na construção de seus conhecimentos.

Como em outras áreas da formação educacional, a geografia escolar também se encontra em meio à discussão frente à avaliação, afinal, uma questão sempre vem à tona acerca do trabalho docente, evidenciando-se em sua recorrência no contexto do ensino em todas as épocas: como avaliar?

O ensino de geografia no ambiente escolar deve contribuir para formar o aluno na perspectiva de torná-lo um cidadão crítico-reflexivo do seu lugar, do mundo e de sua própria realidade. Diante disto, a avaliação desempenha um papel primordial no desenvolvimento da disciplina de geografia no espaço escolar, subsidiando os caminhos a serem percorridos por meio dos diagnósticos e apontamentos para um aprendizado mais satisfatório do aluno. Para pensar a avaliação no ensino de geografia é necessário definirmos critérios avaliativos, em que a relação entre os conteúdos trabalhados e os critérios possa ser evidenciada pelo professor, de modo a fazer sentido ao aluno e assim demonstrar a coerência do processo avaliativo do aprendizado.

Desta forma, este estudo propõe refletir e pensar a avaliação da aprendizagem na geografia escolar do Ensino Médio, contribuindo para discutir novos procedimentos para a construção de uma prática avaliativa dialógica que possa promover a escola democrática e romper com as “práticas viciantes”.

O texto apresenta-se estruturado da seguinte forma: num primeiro momento são expostos os caminhos metodológicos da pesquisa e seu esquema de estruturação dos sujeitos pesquisados. Em seguida, apresentamos os resultados e fazemos uma discussão apresentamos Avaliações da aprendizagem breves apontamentos entre discursos, na qual é elaborado um dialogo entre pensadores que estudam o tema avaliação e trazem contribuições importantes à temática em foco; em seguida se inicia os resultados da pesquisa com o perfil sócio docente, a fim de expor a caracterização dos sujeitos docentes pesquisados; logo depois, concepções e práticas dos professores de geografia acerca da avaliação da aprendizagem no ensino médio, que vem expondo por meio de escritos em quadros as falas dos sujeitos pesquisados acerca das suas práticas e concepções de avaliação no Ensino Médio; finalizando com as considerações do trabalho na qual se expõe uma tabela contendo uma síntese do resultado da pesquisa juntamente com algumas reflexões finais e perspectivas futuras do trabalho e da temática abordada.

2. MATERIAIS E MÉTODOS



Os percursos metodológicos da pesquisa empreendida se iniciaram primeiramente com o objetivo de aprofundar os estudos sobre avaliação da aprendizagem, sobretudo no ensino de geografia, no contexto do Ensino Médio. A pesquisa se iniciou com a revisão bibliográfica em autores como: Zabala (1998), Hoffmann (2003; 2005), Vasconcellos (2007), Both (2007), Luckesi (2002; 2011). Os citados autores trazem concepções sobre avaliação a partir de suas formações e experiências profissionais ligados à educação, com formação diversa voltam suas atenções para o processo de avaliação educacional e assim provocam a maioria das discussões em torno da avaliação na tentativa de uma definição para a prática na ação docente educativa.

O levantamento de dados teve características qualitativas, sendo por meio da elaboração de dois instrumentos de pesquisa (questionários) semiestruturados, em que o primeiro conteve os aspectos da formação docente dos professores entrevistados e, o segundo, contemplou os aspectos mais relevantes da pesquisa acerca das concepções sobre a temática da avaliação das aprendizagens com questionamentos abertos.

A aplicação dos questionários ocorreu em três escolas situadas na zona urbana da cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte, sendo elas: Escola Estadual José de Freitas Nobre, Escola Estadual Aida Ramalho Cortez Pereira e Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana, sendo entrevistado um professor de cada campo da pesquisa, que lecionam a disciplina de Geografia no Ensino Médio, totalizando três entrevistados. Os dados coletados a partir dos instrumentos de pesquisa foram analisados e estudados através da construção de tabelas e quadros de falas a fim de proporcionar as reflexões que se propõe este trabalho. Ao fim dos caminhos metodológicos traçados para o desenvolvimento da pesquisa realizada, seus resultados de natureza descritiva expressaram as concepções dos professores que lecionam a disciplina de Geografia no Ensino Médio das três escolas pesquisadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Avaliações da aprendizagem: breves apontamentos entre discursos

Discutir avaliação das aprendizagens se faz necessário partir de um aporte teórico sustentado em diálogos com as práticas avaliativas, com os conceitos de avaliação em suas múltiplas dimensões sócio-históricas e culturais no contexto escolar. Assim, para tal estudo de revisão bibliográfica compactuo com os pensamentos de estudiosos do tema como Zabala (1998), Hoffmann (2003; 2005), Vasconcellos (2007), Both (2007), Luckesi (2002; 2011) em que



concepções de avaliação são apresentadas por esses autores com base em sua formação, em experiências profissionais da prática docente.

Avaliação e aprendizagem além de se conduzirem por unidade e simultaneidade processual, constituem presença perene na vida escolar, profissional e pessoal de todos os homens (BOTH, 2007 p.26). Como bem expressa o autor, avaliar e aprender configuram-se como tema-chave do processo avaliativo e assim apresentam-se em diversas concepções.

Avaliação e aprendizagem, segundo Hoffmann (2010), são termos que assumem múltiplas dimensões, pois estão atrelados a diferentes concepções. Em um primeiro estudo conceitual, avaliar é o ato de dar valor ou valorar, de perceber as varias dimensões de qualidade acerca de uma pessoa, um objeto até mesmo de uma situação. As percepções da “qualidade” do objetivo avaliado poderão ter perspectivas distintas sendo positivas ou negativas, para o sujeito que avalia assim essas concepções voltadas aos objetos avaliados podem apresentar-se em um caráter subjetivo e arbitrário. Hoffmann (2010) aponta ainda que o termo aprender também absorve múltiplos entendimentos. Para definir tal termo a autora faz uso das concepções de Piaget, na qual toda aprendizagem se dá no âmbito do desenvolvimento geral do sujeito. O conceito de aprendizagem, a partir de grandes teóricos como o citado Piaget, é cada vez mais ressaltado de complexidade e abrangência. O que assim é fortemente significativo ou se analisar a expressão “avaliação da aprendizagem” prossegue Hoffmann em sua afirmação.

Para Vasconcellos (2007) essa complexidade explica-se, pois, a avaliação escolar é, antes de tudo, uma questão política, tendo em vista que está relacionada ao poder, aos objetivos, às finalidades e assim aos interesses que estão em jogo no trabalho educativo. Como expressa o pensamento de Vasconcellos (2007) devemos entender que a escola é o lugar da construção da autonomia e da cidadania e assim a avaliação não deve ficar sobre a responsabilidade apenas de um ou de outro profissional, devendo ser encarada como coletiva, tendo em vista seu caráter político e social, em diversos arranjos avaliativos do processo sejam eles a avaliação da aprendizagem dos alunos, a avaliação institucional e docente e ainda a avaliação do sistema escolar, todos esses eixos articulados proporcionam a avaliação geral como componente do ato pedagógico escolar, da gestão e democratização.

A avaliação é marcada historicamente por concepções centradas em classificar as aprendizagens em acertos e erros. Dessa forma, classificam aqueles estudantes que supostamente estariam aptos para prosseguir os estudos nas séries seguintes. Essa perspectiva seletiva de avaliação proporciona um “vício” da função pedagógica e conseqüentemente fundamenta o caráter



excludente da escola. Entretanto, é possível pensarmos uma concepção de avaliação cujas bases ideológicas sejam inclusiva, diagnóstica, dialógica e construtiva de tal modo que haja a ação participativa de todos os sujeitos escolares.

Neste sentido Luckesi (2011, p. 19) diz que:

A avaliação operacional, em si, subsidia o sucesso na obtenção dos resultados de uma ação planejada, o que a caracteriza como construtiva; por isso só pode existir enquanto serve a um projeto de ação configurado e em execução. Ela subsidia o investimento na busca dos melhores resultados da ação. Sem essa condição, a avaliação operacional não faz sentido, nem mesmo existe.

Prossegue Luckesi (2002, p. 180):

O ator de avaliar por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento “definitivo” sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se à melhoria do ciclo de vida. Deste modo, por si, é um ato amoroso. Infelizmente, por nossas experiências histórico-sociais e pessoais temos dificuldades em assim compreendê-la e praticá-la. Mas... Fica o convite a todos nós. É uma meta a ser trabalhada, que, com o tempo, se transformará em realidade, por meio de nossa ação. Somos responsáveis por esse processo.

As perspectivas expressas na concepção de Luckesi apontam para uma proposta de uma escola mais democrática e inclusiva, que dentro de seus atos pedagógicos consideram as infinitas possibilidades de realização de aprendizagens dos alunos, e, posteriormente, dos processos avaliativos. É importante perceber o caráter da ação planejada retratada pelo autor, na qual essa afirmação permite construir uma concepção de avaliação que tenha sua origem nos princípios de que todas as pessoas são capazes de aprender, e que todas as ações educativas, suas estratégias de ensino, os seus conteúdos devem ser planejados levando em consideração infinitas possibilidades das aprendizagens dos alunos. Para Zabala (1998, p.200) “A finalidade da avaliação é ser um instrumento educativo que informa e faz uma valoração do processo de aprendizagem seguido pelo aluno, com o objetivo de lhe oportunizar, em todo momento as propostas educacionais mais adequadas.” O processo avaliativo deve ter coerência de tal modo a fazer sentido ao aluno, para proporcionar uma autoavaliação da própria construção do conhecimento por parte do aluno. Como ressalta Zabala (1998) o processo de valoração deve ser seguido pelo aluno como objetivo de demonstrar os caminhos mais adequados e viáveis a sua aprendizagem.

Nesta perspectiva Hoffmann (2003, 116) aponta que se deve construir uma relação de diálogo entre professor e aluno.

Entendo que a avaliação, enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com seu aluno. Uma conexão entendida como reflexão aprofundada sobre as formas como se dá a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento.



Entender o processo avaliativo da aprendizagem em uma prática dialógica é estabelecer uma relação de construção-desconstrução-construção, como aponta Hoffmann (2003) é poder dar significado aos saberes dos alunos ao longo da construção de seu conhecimento.

Pode-se perceber que as concepções de avaliação, embora ainda haja nuances, os termos utilizados por diversos autores se cruzam em um ponto comum, pois como afirma Luckesi (2011) se aproximamos os qualitativos com um olhar aprofundado, vamos verificar que todos eles com algumas nuances, apontam que a avaliação é diagnóstica, ou seja, subsidia uma intervenção construtiva, planejada e criativa. Portanto, as intensões e usos da avaliação para a aprendizagem estão intensamente influenciados pelas concepções e teorias de educação que orientam a sua aplicação e assim viabilizam ou não a construção coerente e democrática do processo avaliativo.

3.2 Perfil sócio docente

Conforme os dados obtidos com a aplicação dos instrumentos da pesquisa, pode-se observar que o sujeito docente A declarou ter 27 anos de idade, o B 40 anos e o C 31 anos. Em relação à formação acadêmica, todos possuem graduação em licenciatura de Geografia. Sobre a formação complementar em nível de pós-graduação, dois deles possuem especialização, sendo eles os sujeitos A, com formação específica na sua área de atuação, e o sujeito B em outras temáticas; já o sujeito C não possui pós-graduação. Em relação ao tempo de atuação docente, as respostas foram as seguintes: o sujeito A leciona há seis anos com quatro anos atuando diretamente no ensino médio, sendo que além de Geografia ainda leciona a disciplina de Sociologia. Já o sujeito B declara que exerce a função docente há 19 anos, mas no ensino médio são oito anos; o mesmo não leciona outra disciplina além o da sua formação originária. O sujeito de letra C declarou estar há nove anos em atividade docente, com quatro dedicados ao ensino médio, e ainda ministra a disciplina de História.

Além da caracterização pessoal-docente, o questionário abordou a relação político pedagógica da escola, na relação professor e gestão escolar, na qual indaguei aos sujeitos da pesquisa como eram realizadas as reuniões coletivas de planejamento, quais ações eram tratadas nessas reuniões e as suas importâncias para a formação do professor. Deste modo as respostas se mostraram altamente quantitativas, fechadas sem justificativas, na qual todos declaram que existem reuniões coletivas de extra regências com periodicidade que varia entre mensalmente e até mesmo em cada início ou término de bimestre letivo. Diante disto, todos afirmam considerar de suma importância a realização dos encontros pedagógicos da gestão e docentes.



Para finalizar as questões introdutórias do instrumento de pesquisa, fiz a seguinte pergunta “*como você encara a disciplina de Geografia no Ensino Médio? Levando em consideração a sua prática docente*”. Esta pergunta tinha o objetivo de verificar junto aos professores como vem sendo encarado o processo de ensino e aprendizagem no nível médio, já que um dos objetos e campo deste trabalho é o Ensino Médio. Podemos averiguar a falas dos docentes nos escritos no quadro 01:

QUADRO 01 – Falas dos Professores sobre a Geografia frente ao Ensino Médio.

Sujeito docente A: *Assim como os demais componentes curriculares apresenta grande relevância para a formação dos sujeitos para a compreensão do seu meio cotidiano.*

Sujeito docente B: *É a única disciplina capaz de possibilitar acompanhamento das transformações recentes de forma integrada. Agora, isso depende da postura investigativa que o professor assume, precisa criar estratégias e tornar o aluno observador, crítico e reflexivo diante dos desafios que a disciplina esta inserida.*

Sujeito docente C: *como uma disciplina capaz de tornar o aluno um cidadão crítico da sua realidade, fazendo-o compreender o seu papel na sociedade permitindo-lhe, ainda, o conhecimento e análise dos meios de promoção de mudanças sociais.*

Fonte: Coletado pelo autor, a partir do instrumento de pesquisa - Maio / 2016.

É possível perceber nas falas dos professores que a Geografia que se vem sendo trabalhada atualmente na escola compartilha dos objetivos do Ensino Médio, sendo a formação e construção de um aluno crítico – reflexivo, como bem destaca os escritos dos sujeitos B e C enfatizando a relação crítica da disciplina Geografia que se adota na sala de aula, com o seu papel principal enquanto ciência sendo a descrição do espaço terrestre em suas dimensões físicos – sociais. Tendo a preocupação em retirar o status da Geografia de um ensino simplório e enfadonho.

3.3 Concepções e práticas dos professores de geografia acerca da avaliação da aprendizagem no Ensino Médio.

Com proposito de evidenciar as concepções e as práticas dos professores de Geografia atuantes no Ensino Médio, é que iniciamos o segundo segmento do instrumento de pesquisa questionando junto aos sujeitos docentes, *qual seria o papel da avaliação no processo de ensino e aprendizagem?*. Saraiva (2005) entende que a avaliação permeia todo o processo de ensino-aprendizagem e se for entendida em todos as suas dimensões desde o aluno a escola, incluindo o professor possibilitará ajustes na tarefa educativa de sucesso.

QUADRO 02 – Qual o papel da avaliação no processo de ensino-aprendizagem

Sujeito docente A: *É uma parte importante no processo, pois evidencia os pontos positivos e negativos do percurso e neste sentido nortear os objetivos a serem buscados.*

Sujeito docente B: *deve ser de reorientação para uma aprendizagem melhor*

Sujeito docente C: *Importante, porque nos possibilita uma reflexão sobre os meios e aos instrumentos utilizados neste processo no que diz respeito à eficácia.*

Fonte: Coletado pelo autor, a partir do instrumento de pesquisa - Maio / 2016.



Como bem ressalta Saraiva (2015) devemos olhar o processo avaliativo como momento de ajuste. Tal pensamento da autora é nitidamente visto no relato do sujeito docente B em que ele explicita a ação de reorganização como um papel da avaliação. As palavras do Sujeito docente A expressam muito bem, o pensamento de Luckesi (2002) ao revelar que a avaliação deverá servir de suporte para a qualificação do educando, diante dos objetivos que se tem para alcançar.

Podemos perceber que os sujeitos docentes aqui relatados na pesquisa, não veem o papel da avaliação voltado ao ensino e aprendizagem como mero momento de verificação e classificação com atribuição de valores, sendo estas, características de um pensamento tradicional da avaliação; mas como sujeitos que pensam a avaliação com seu papel de reorganização dos objetivos, como um processo reflexivo que pode subsidiar a eficácia do processo de ensino- aprendizagem.

O que podemos notar nos discursos dos sujeitos docentes é um pensamento de inter-relação junto ao processo de ensino-aprendizagem, característica diferente do que se ver na maioria dos professores da educação básica, pois como afirma Luckesi (2002) a avaliação da aprendizagem escolar, muitas vezes é praticada com total independência do processo de ensino-aprendizagem, e ocasiona foros de independência entre professores e alunos. Por sua vez, Hoffmann (2003) diz que o corpo docente do ensino médio revela-se muito mais impermeável a discussão da prática avaliativa. Como aponta Luckesi (2002, p. 60) “Discutiremos a questão da avaliação do ensino relacionado à questão da democratização do ensino, perguntando se a atual prática da avaliação da aprendizagem escolar está a favor ou contra a democratização do ensino.” Como bem expressa o citado autor, indaguei aos sujeitos da pesquisa sobre a relação da avaliação da aprendizagem com a democratização da escola e do ensino, fazendo o seguinte questionamento: *A avaliação da aprendizagem contribui para a democratização da escola? Si sim, de que forma?* Sendo as respostas dos sujeitos docentes A e B afirmam que sim, por outro lado o C declara que talvez, não justificando sua resposta.

QUADRO 03 - Avaliação da aprendizagem e democratização da escola.

Sujeito docente A: *Por considerar a formação do aluno como algo mais amplo e complexo, e não por parte, considerando apenas sua evolução individual em cada componente curricular.*

Sujeito docente B: *Para que se rompa com alguns sistemas tradicionais.*

Sujeito docente C: *Não Justificou a sua resposta.*

Fonte: Coletado pelo autor, a partir do instrumento de pesquisa - Maio / 2016.

Pode-se observar nos relatos escritos do quadro 03 que o sujeito docente B afirma justificando que se faz necessário a democratização da escola, para romper com as práticas tradicionais impostas pelo sistema de ensino. É notório que o pensamento do sujeito em questão



compactua com os pensamentos de Luckesi (2011) que as modalidades de avaliação do acompanhamento e da certificação da aprendizagem serão aliadas fundamentais na ação educativa e promoção da democratização escolar, sendo suas funções subsidiar o sucesso de todos os eixos educandos e educadores e, desta forma, possibilita chegar ao sistema de ensino como relata o escrito da pesquisa.

Segundo Fernandes (2008), para se instaurar um debate no interior da escola, sobre as práticas e concepções de avaliação, é necessário que explicitemos o nosso conceito de avaliação, deste modo compactuando com o pensamento da autora, averigui junto aos sujeitos da pesquisa suas concepções sobre a avaliação da aprendizagem, sendo um dos questionamentos chave de todo o trabalho, foi pedido aos entrevistados que definissem sua concepção de avaliação. Os resultados aparecem no quadro 04 abaixo:

QUADRO 04 – Concepções docentes a cerca da avaliação da aprendizagem

Sujeito docente A: *A avaliação deve ser vista como um processo que deverá nortear o desenvolvimento da autonomia do educando e, por conseqüente desenvolver suas competências e habilidades. Deve-se, então, dar grande atenção e importância aos processos avaliativos que resultam no desenvolvimento global do aluno (como ele aprende e o que ele aprendeu).*

Sujeito docente B: *Não uso a avaliação como forma de controle e não acredito em grandes benefícios da reprovação, no entanto a avaliação precisa ser usada para estimular o aluno a superar os seus erros e dificuldades, ou seja, eu incentivo a vontade de melhorar e assim poder ajudar a avançar no processo de aprendizagem.*

Sujeito docente C: *A minha concepção no que diz respeito a avaliação da aprendizagem é que este processo consiste em significativo relevante instrumento para que se possa detectar os acertos, as falhas e as necessidades do processo de ensino, e de modo que ao ser identificado alguma fragilidade, a mesma possa ser trabalhada e corrigida com vistos a maior eficácia do processo de ensino/aprendizagem.*

Fonte: Coletado pelo autor, a partir do instrumento de pesquisa - Maio / 2016.

Para entendermos as concepções dos sujeitos docentes devemos inicialmente atentar para a contribuição de Fernandes (2008), para quem a prática da avaliação deve acontecer de diferentes maneiras, articulada com a perspectiva mais coerente visando os princípios de aprendizagem e principalmente a função que a educação escolar tem frente à sociedade. Assim, como ainda prossegue Fernandes (2008), para compreendermos a avaliação é necessário primeiramente ter ciência que os estudantes aprendem de diversas formas, em tempos não homogêneos e diversas escalas temporais, sociais e pessoas. Desta forma, analisar as concepções docentes dos sujeitos da pesquisa destacamos que o sujeito docente A encara a avaliação da aprendizagem como um processo que deverá nortear o aluno ao desenvolvimento da sua autonomia, como uma espécie de autocompreensão como bem explicita Luckesi (2002) e Both (2007) que salientam que a avaliação concebe o aluno em sua globalidade psicossocial.



Ainda nos pensamentos de Both (2007) cabe distinguir tal conceito de avaliação para sua melhor compreensão. Deste modo, os sujeitos docentes B e C demonstram ter uma concepção de avaliação positiva fora dos moldes e vícios da avaliação que se pratica nas escolas, tendo em vista uma visão reducionista de sua prática, reduzindo a ação avaliativa a meros registros de resultados acerca do desempenho do educando e a um determinado período do ano letivo, como afirma Hoffmann (2005).

Não faz sentido compreendermos as concepções sem analisarmos as práticas de forma interligada em inter-relação ao processo de avaliação. Averiguamos por meio do instrumento de pesquisa a seguinte pergunta: *De forma sucinta relate a sua prática avaliativa na disciplina de Geografia no ensino médio.* Os relatos podem ser visualizados no quadro 05:

QUADRO 05 – Prática avaliativa na disciplina de Geografia no Ensino Médio

Sujeito docente A: *Considero várias formas de avaliação desde qualitativas a quantitativas (já que o sistema impõe a forma prova e o próprio ENEM!). A realização de pesquisas, trabalhos e seminários e debates que promovam a participação, a assiduidade e o empenho em aprender e se desenvolver.*

Sujeito docente B: *Trabalho com avaliação pontual e continuada a partir das atividades realizadas em sala de aula utilizando deferentes instrumentos desde os testes bimestrais para que possa avaliar o desenvolvimento cognitivo, seminários para poder observar os critérios procedimentais e considero os critérios de sociabilidade, responsabilidade, participação individual e em grupo dentro e fora da sala de aula.*

Sujeito docente C: *Minha prática avaliativa consiste na observação da participação do aluno no que diz respeito a sua interação com os conteúdos em sala, sua participação na realização de exercícios e ainda a avaliação (prova) bimestral.*

Fonte: Coletado pelo autor, a partir do instrumento de pesquisa - Maio / 2016.

No cotidiano das práticas de avaliação da aprendizagem escolar, o que se observa é que muitos professores praticam procedimentos metodológicos avaliativos inadequados, pois centram seus instrumentos avaliativos em provas e testes, deixando de lado a perspectiva construtiva do processo de ensino. O fato é que, durante o exercício da função docente, alguns destes se preocupam apenas em medir ou verificar o quanto seu educando aprendeu, sem se importar com outras questões além do velho vício da verificação. Assim, apenas atribuem notas que não diagnosticam os educandos processualmente, limitando, assim, a sua compreensão de avaliação e prática.

Ao analisarmos os relatos dos sujeitos docentes pesquisados evidencia-se que muitos ainda realizam suas práticas avaliativas em instrumentos como provas e testes, por imposição do sistema, como bem relata os sujeitos A e C, pois como afirma Both (2007, p. 51), avaliar é preciso, e continuamente, ainda mais quando a avaliação é encarada como um compromisso formal e uma prática informal. Continuando com a discussão prática docente e avaliação Fernandes (2008, p. 21) nos diz que:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Entender e realizar uma prática avaliativa ao longo do processo é pautar o planejamento dessa avaliação, bem como construir seus instrumentos, partindo das interações que vão se construindo no interior da sala de aula com os estudantes e suas possibilidades de entendimentos dos conteúdos que estão sendo trabalhados.

Tomando como base o pensamento da autora e os relatos dos sujeitos docentes pesquisados, percebemos que a avaliação tem como objetivo subsidiar informações acerca das ações e procedimentos como relata o sujeito B de maneira a fortalecer a aprendizagem do educando.

A questão da prática escolar ainda está pautada em provas e exames como vemos nos relatos dos sujeitos docentes, por mais que muitos tenham uma concepção positiva de avaliação da aprendizagem, acabam por praticar a simplória e enfadonha avaliação viciante tradicional, com afirma Luckesi (2002). A prática escolar usualmente denominada de avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com a avaliação. A tabela de síntese a seguir apresenta todo o resultado exposto neste trabalho, na qual se pode notar por meio de características as concepções de cada sujeito pesquisado em relação à avaliação da aprendizagem.

TABELA 01 – Síntese das concepções de avaliação da aprendizagem dos sujeitos docentes pesquisados, por meio de características.

| | Características | Explicação |
|--------------------------|---------------------------------|---|
| Sujeito docente A | Reflexão | Proporciona uma análise da importância da prática docente no processo; |
| | Evolução | Mostra o desenvolvimento dos alunos no decorrer do processo; |
| | Ação | Nortear o trabalho docente quanto a sua forma de aprender ensinar tomando como referência as potencialidades e necessidades dos alunos. |
| Sujeito docente B | Promover acesso ao conhecimento | Por que é função básica da escola; |
| | Ser objetiva | É importante saber onde queremos chegar com nossos alunos; |
| | Levar à tomada de decisões | Dizer o que vai ser feito para que se possa avançar. |
| Sujeito docente C | Questionamentos | Capacidade do aluno em elaborar questionamentos a cerca do conteúdo; |
| | Hipóteses | Capacidade do aluno em criar hipóteses afirmativas ou contraditórias às ideias expostas; |
| | Participação | Capacidade do aluno em resolver questões e exercícios relativos ao conteúdo abordado. |

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do instrumento de pesquisa - Maio / 2016.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos dos sujeitos docentes expostos neste trabalho pode-se concluir que o desenvolvimento do estudo em foco pode colaborar com a discussão frente à avaliação das



aprendizagens de maneira significativa ao analisar e refletir com base nos relatos das realidades vividas pelos docentes em sala de aula.

Com o auxílio das respostas dos sujeitos entrevistados, torna-se possível contratar que ainda se perpetuam as práticas examinativas nas escolas. Essa realidade se mantém, principalmente por conta de um sistema de ensino que impede ou desestimula práticas avaliativas significativas como as dos sujeitos aqui pesquisados que, em muitos de seus escritos, continham características de um processo avaliativo global, processual e coerente ao educando, que ainda conta com o mais importante: a auto avaliação do professor dentro do processo, algo muitas vezes raro nos discursos de professores da educação básica, em especial no ensino médio. Contudo, é notório em suas falas que essas práticas não se concretizam devido aos impedimentos e incoerências de um sistema escolar ineficiente ou inadequado para com a aprendizagem efetiva dos alunos.

A partir das relações estabelecidas e dos pressupostos discutidos em torno da avaliação da aprendizagem, sobre o ensino de geografia e os docentes envolvidos, acreditamos que se faz necessário ampliar os horizontes deste trabalho de modo a aprofundar a pesquisa com o objetivo de fomentar uma discussão mais ampliada, no momento, foge aos limites desse trabalho, tendo em vista a relevância e o tempo propício para a reflexão e análise a respeito do tema abordado.

5. REFERÊNCIAS

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida: a fisiologia do conhecimento**. Curitiba: Ibpx, 2007.

FERNANDES, Claudia de O. **Indagações sobre o currículo: Currículo e avaliação** / [Claudia de Oliveira Fernandes, Luiz Carlos de Freitas] ; Organização do documento Janete Beauchamp, Sanda Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008. 44 p.

HOFFMANN, Jussara M.L. **Avaliação: mito e desafio-uma perspectiva construtivista**. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1991.

_____. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade/** Jussara Maria Lerch Hoffmann. – Porto Alegre: Editora Mediação, 1993. 20ª Edição revista, 2003. 160 p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições** / Cipriano Carlos Luckesi. – 14 ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956 – **Avaliação: Concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar** 17º ed./ Celso dos S. Vasconcellos. – São Paulo: Libertad 2007. – (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 3).

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** / Antoni Zabala; tradução Ernani F. da F. Rosa – Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.